

FIANDEIRAS, TECELÃS, OLEIRAS... REDESENHANDO AS GROTAS E VEREDAS

Maria A. Moraes Silva*

Resumo

O texto analisa o trabalho feminino nas unidades camponesas do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Observou-se, por intermédio da história oral, que as mulheres, além do trabalho na roça, desempenham as atividades ligadas à tecelagem e à cerâmica. Os atributos de gênero estabelecem critérios rígidos no tocante à divisão sexual do trabalho. No entanto, ao desempenhar tais atividades, as mulheres experimentam um processo de desalienação, já que o produto do trabalho é basicamente orientado pelo valor de uso.

Palavras-chave

Trabalho feminino rural; relações de gênero.

Abstract

The text analyses the female work on the rural communities of Jequitinhonha Valley, Minas Gerais. It was observed, by oral reports, that, besides working in the land, the women carry out activities related to ceramics and weaving. The gender attributes establish rigid criteria regarding the sexual division of work. However, when playing this role, the women undergo a desalienation process, as the product of their work is basically oriented by the value of use.

Key-words

Rural female work; gender attributes.

E mais caminhava. Topar um vivente que era mesmo grande raridade. Um homenzinho distante, roçando, lembrando, ou uma mulherzinha fiando a estriga na roça ou tecendo em seu tear de pau, na porta de uma choça, de buriti toda. Outra velha que estava fumando o pito de barro. Mas ela enrolou a cara no chale, não se ajuizaram os olhos dela. Mulher é gente tão infeliz.

Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*

* Professora do Departamento de Sociologia, F.C.L. UNESP/Araraquara.

Um pouco de história e introduzindo o tema

O Vale do Jequitinhonha constitui-se numa das regiões mais pobres do país. Situado no nordeste do estado de Minas Gerais, ocupa 13,5% do território mineiro, apresentando, do ponto de vista geográfico, duas grandes unidades diferenciadas: o Alto Jequitinhonha e o Médio Jequitinhonha. A primeira, situada no lado ocidental da BR-116 (Rio-Bahia) é constituída por terras altas da porção leste do Espinhaço. A segunda, ao lado oriental da rodovia, é constituída por terras baixas entre o Espinhaço e a Serra do Aimoré.¹

Historicamente, desde o século XVI, várias expedições dirigiram-se ao nordeste de Minas, à procura de riquezas minerais. Cabe destacar, dentre estas, a expedição de Francisco B. Spinosa, em 1553, e a de Fernão Dias, que fundou em 1674, o arraial de Itacambira². No entanto, a ocupação definitiva ocorrerá no século XVIII com as atividades mineradoras e, em seguida, com as agropastoris. Evidentemente, esta ocupação, tal como em outras áreas do país, foi marcada pelas lutas com os índios. Vários documentos registram as guerras travadas contra os Botucudos, até sua capitulação, através da escravidão.

(...) os botucudos habitantes da parte do Jequitinhonha estão atualmente aldeados e por pouco se ajustam para o trabalho da lavagem e auxílio de puxarem as canoas pelo rio. Nas freguesias da Vila de Bom Sucesso, Sta Cruz da Chapada e de São Domingos, acham-se catequisados 600 a 700 índios, entre homens párvulos, adultos e mulheres com a obrigação dos adultos servirem 10 anos e os párvulos 20.³

Esta história de conquista e de escravidão dos índios ocorreu ao lado da escravidão dos negros nas regiões auríferas. No entanto, a história registra a existência de quilombos. Talvez, o mais importante tenha sido o da Fazenda Bandeira Grande, de onde, mais tarde, os refugiados se transferiram para a povoação de Santa Cruz da Chapada (hoje, Chapada do Norte, cuja porcentagem da população negra é superior a 90%).⁴

1 Silva, N. M., Silva, L.M. Vale do Jequitinhonha: invasão de capital *versus* evasão de população. *Indicadores de Conjuntura*. Belo Horizonte, 8(2): 194-252, maio de 1986, p. 194.

2 Idem, *ibidem*, p. 194.

3 "Memórias históricas da Província de Minas Gerais" (Impresso por Bernardo Xavier Pinto e Souza em 1847, pela primeira vez), *Revista do Arquivo Mineiro*, Minas Gerais, 1908, p. 599.

4 Saint-Hilaire, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Coleção Brasileira, Tomo 26. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938, p. 48.

A grande quantidade de ouro, diamantes, pedras crisólitas, safiras, cristais, pingos d'água, além da abundância de peixes como os curimatãs, traíras, piau, atrainho os faisca-dores, e, com muita rapidez, surgiram povoados, arraiais, vilas e cidades.⁵

Da mesma forma que existiram conflitos com os índios, também ocorreram vários contra os negros. Em 1821, eclodiu no Distrito Diamantino uma revolução de negros que se espalhou por toda a província de Minas Gerais e outras do país. Esta revolução foi favorável à proclamação da Constituição que libertaria os negros da escravidão.

Os pretos das lavagens de ouro de Guaracaba-Santa Rita, Cantagalo e de Suragua, auxiliados por um fazendeiro muito rico, também preto, nas margens do rio das Mortes, reunidos em o Fanado (atual Minas Novas) fizeram proclamar a Constituição em todas as margens do Avaité... unindo-se a estes parte das hordas de selvagens guerreiros que habitam nas ruas ribeiras...⁶

A história registra, em seguida, o silêncio tanto dos índios quanto dos negros. Silêncio dos vencidos. Com a decadência da mineração, estas populações pobres, ou então, no dizer da historiadora Laura de Melo e Souza, os desclassificados do ouro, espalharam-se por estas extensas áreas, muitas vezes, sobrevivendo no interior das grandes fazendas de agropecuária que se formaram, como agregados ou em pequenas poses⁷. Estes desclassificados eram descendentes de mestiços de índios, brancos e negros, negros quilombolas ou alforriados.⁸ São os viajantes estrangeiros que relatam a pobreza dessa gente espalhada por estes chapadões. Após a decadência do ouro, o principal produto cultivado era o algodão, aliás de excelente qualidade e bastante conhecido pelos comerciantes da Europa.

Em todo o termo de Minas Novas, que compreendia todo o nordeste da capitania de Minas, plantava-se algodão, milho, feijão, trigo, batata, banana e, sobretudo, mandioca. A ocupação principal era a criação do gado.⁹ Ressaltava ainda o viajante que a melhor maneira de aproveitar as terras nas chapadas era a criação de gado bovino e cavalar.

5 César Jr, D. Santos, W.C. *Esplêndidos frutos de uma bandeira venturosa. Minas Novas em escorço histórico*. Belo Horizonte, Editora Lemi, s.d.

6 Senna, N. de. "Os índios do Brasil. Memória etnográfica", *Revista do Arquivo Mineiro*, op. cit., pp. 158-9.

7 Moura, M. *Os deserdados da terra*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, Coleção Corpo e Alma do Brasil, 1988.

8 Souza, L.M. *Os desclassificados do ouro*. 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

9 Saint-Hilaire, A., op. cit., p. 17.

Em relação a Minas Novas, mostra que a plantação do algodão era predominante, além da fabricação de tecidos, cobertores, o que proporcionava melhores condições de vida às pessoas. Até mesmo os negros não andavam em farrapos, aliás, como ocorria em torno de Vila Rica.

De acordo com estudos mais recentes, pôde-se perceber que esta atividade têxtil continuou quase até o final do século XIX. Além de cobertores, tecidos, eram fabricados sacos de embalagens de mercadorias, toalhas, guardanapos e lenços.¹⁰ No século XX, há o declínio da atividade algodoeira e, conseqüentemente, da produção têxtil. Inicia-se, então, o incentivo à pecuária de corte nas grandes fazendas.

A agricultura de subsistência praticada pelos desclassificados do ouro, pelos pobres, continuou por métodos rudimentares e práticas costumeiras de uso das grotas, veredas e chapadas. Nas grotas e veredas, nas partes baixas, nas encostas, plantava-se produtos como o milho, mandioca, arroz, e nas chapadas, nas partes altas, soltavam o gado, colhiam as raízes e praticavam a caça. Também aproveitavam o barro das veredas para fabricação da cerâmica, atividade essencialmente feminina.¹¹

Em 1988, ao realizar uma pesquisa¹² no Vale do Jequitinhonha, sobre as migrações sazonais, foi possível perceber que esta atividade ainda persiste de maneira importante nesta região, aliada à fiação e tecelagem do algodão. Objetiva-se, portanto, neste texto, analisar estas atividades, essencialmente desenvolvidas por mulheres, que, em geral, não migram.

Contudo, é preciso ressaltar que, nas últimas décadas, em virtude do processo de modernização agrícola, levado a cabo pelo Estado, durante a ditadura militar, mais de 500 mil hectares de terra, constituídos por chapadas e algumas veredas e grotas, foram entregues às grandes companhias de reflorestamento, pela transformação dessas áreas em terras devolutas.

Este processo de expropriação resultou num profundo desequilíbrio do uso costumeiro das chapadas, grotas e veredas. De acordo com este sistema, as grotas e veredas eram propriedades pessoais de cada um e as chapadas eram terras comuns a todos. As

10 Martins, R.B. A indústria têxtil doméstica de Minas Gerais no século XIX. *Seminário sobre Economia Mineira, Anais (2)*, Belo Horizonte, CEDEPLAR, 1983, p. 83.

11 Graziano, E; Graziano Neto, F., As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. *Perspectiva (6)*, 1983, pp. 85-100.

12 Silva, M.A.M. A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias. *Revista Travessia*, C.E.M. Ano I, (1), São Paulo, maio-agosto, 1988, pp. 9-15.

chapadas funcionavam como complemento das grotas e veredas. Nelas, eram coletados raízes, plantas medicinais, árvores que ofereciam os colorantes para os tecidos, frutos, como o piqui, do qual se extraía o óleo para alimentação. Também, havia os animais de caça, importantes fontes para a subsistência, além da possibilidade de criar o gado à solta. Havia uma perfeita simbiose entre grotas, veredas e chapadas para a produção desses camponeses.

No imaginário dos camponeses, as chapadas não poderiam ser apropriadas por ninguém, porque eram as terras de todos e “eram feitas por Deus”. O desequilíbrio surge com a quebra dessa unidade simbiótica, por intermédio da plantação de eucaliptos, que progressivamente, contribuiu para aumentar os períodos de seca, provocando o secamento de riachos, rios e nascentes de águas nas chapadas, nas grotas e veredas. Tal situação agravou as condições de subsistência de milhares de homens e mulheres, cuja sorte foi marcada pela migração definitiva desta região ou pela migração temporária, estimada, anualmente, em torno de 30 mil pessoas¹³, cujo destino principal foi a região de Ribeirão Preto.

Pelo fato da migração temporária atingir sobremaneira (mas não somente) os homens, produziu-se, nesta região, o fenômeno das viúvas de maridos vivos, em razão da ausência deles ocorrer durante quase todo o ano. É a história dessas mulheres pobres, camponesas, fiandeiras, oleiras, viúvas de maridos vivos, que será contada nas páginas que se seguem.

A categoria-chave utilizada é o *trabalho*, entendido não só como um simples dispêndio de força física e mental, mas como atividade que envolve, além deste dispêndio, um conjunto de significados e representações presentes em todas as esferas da vida. Um verdadeiro fazer que remete à ação, ao saber, ao devaneio, à realização, ao contrário da alienação do trabalho nas relações capitalistas. Não sendo o trabalho uma atividade isolada, mas aquilo no qual se baseia e se reflete cada atividade isolada, pode-se pensar que o trabalho causa e reflete o conjunto das relações sociais. Esta maneira de pensar o trabalho pode ser bastante útil à compreensão da divisão social e sexual do trabalho e das formas de representação do trabalho. Pensá-lo, não como atividade isolada, mas no conjunto de uma totalidade, permitiu desvendar as relações de dominação, ou seja,

13 Rios-Neto, E.L.G. e Deus, P.M.R.V., *Mulheres de migrantes sazonais no Vale do Jequitinhonha — MG. XIII Encontro Anual da Anpocs, GT. População e sociedade no Brasil*, Caxambu, 1989.

____ FETAEMG. *Dados preliminares sobre o fluxo migratório do Vale do Jequitinhonha*, 1985, mimeo.

as relações de gênero existentes entre estes camponeses. Pôde-se perceber o trabalho, enquanto atividade e enquanto representação social imbricada pelos atributos dos gêneros masculino e feminino. A importância dessas reflexões reside no fato de elas darem visibilidade às assimetrias de gênero.

Resgatar o trabalho como uma dimensão que envolva as representações sociais, é analisar a complementaridade entre vida e trabalho entre estes camponeses, em vez da ruptura entre vida e trabalho, prevalecente nas relações de assalariamento. Por outro lado, esta complementaridade é determinada pelo conjunto das relações vivenciadas, relações definidas pelos papéis e atributos sociais de cada indivíduo. O trabalho, assim concebido, traz as marcas desses atributos, frutos da experiência.

Foi esta forma de pensar o trabalho que nos permitiu penetrar no mundo diferenciado entre homens e mulheres. Ao contrário da homogeneidade e igualdade que aparecem à superfície, pôde-se perceber que, nos subterrâneos deste mundo, as assimetrias entre eles são reais. Esta análise confirma o depoimento de muitas mulheres, que diziam sofrer ameaças dos maridos e que conheciam outras, que possuíam marcas de “peixeira” no rosto, causadas pela violência de gênero. Muitas outras confirmaram que os seus maridos eram muito bons porque jamais as haviam espancado.

O mundo é largo e grande. Se fosse casada e apanhasse do marido, sairia pelo mundo. Conheço muitas mulheres que estão marcadas com sinais de peixeira de marido.

Analisar as relações de gênero numa realidade em que o que é visível é a extrema pobreza, portanto, a condição social de classe, implica ampliar a compressão do campo da dominação-exploração, por um lado, e, por outro, do caráter multifacetado dos sujeitos. Em outros termos, é tornar visível o invisível, é possuir um olhar sobre a realidade social através das três óticas: de classe, gênero e etnia. A porta de entrada para esta percepção deu-se por meio do trabalho, entendido como atividade atravessada por significados e representações sociais.

Com estes propósitos, propôs-se analisar o trabalho e a vida destas mulheres no seio das relações com a terra, os meios de trabalho e os homens. Por detrás da miséria, foi possível perceber que estas mulheres possuem ou possuíram um enorme saber que lhes define seu fazer, sua maneira de ser, como mulheres dotadas de vontade, ação e criação próprias. Todos estes traços estão se perdendo em virtude da migração forçada e do processo de expropriação e exploração.

“Mulher é como engenho: não pára de rodar”

Uma das primeiras preocupações da pesquisa era em relação à produção da vida material, ao trabalho. Este, necessariamente, remete à divisão sexual e social, às formas de organização, produção, produtividade, tipos de produtos. Enfim, procurava-se entender o modo de produzir, ou seja, a maneira pela qual se dava a interação entre objeto, meios ou instrumentos e trabalho e força de trabalho. Em se tratando de camponeses que possuíam pequenas parcelas de terra, este modo de produzir abrangia outras esferas de produção, como, por exemplo, o quintal/terreiro e também a indústria doméstica.

As informações acerca da produção e produtos da terra revelam que há um empobrecimento, não só destes homens e mulheres como também da terra.¹⁴ Há, na verdade, uma relação estreita entre fraqueza da terra e fraqueza da gente. “A terra é fraca, por isso, nós somos fracos.”

As causas da fraqueza da terra estão aliadas à exigüidade dos lotes — em virtude do processo de expropriação ao qual foram submetidos, processo este com todas as características de uma verdadeira acumulação primitiva, que deles arrancou o direito de posse e uso das chapadas¹⁵ —, à não utilização de adubos, inseticidas ou outros instrumentos de trabalho, além do enxadão e enxada. Enfim, trata-se de uma terra — matéria — que não incorpora valor, ao contrário, perde, através do desgaste pelo uso contínuo, as propriedades naturais. Tal situação produz, obviamente, a incapacidade do camponês retirar da terra os meios de sua subsistência.

Dáí, a necessidade de migrar, de vender sua força de trabalho fora de sua terra. A terra, ao perder suas substâncias naturais, vai, portanto, deixando de ser objeto de trabalho pelo homem e, conseqüentemente, um fator de produção. Torna-se algo sem valor. Neste sentido, quando inquiridos sobre o valor de suas terras, a grande maioria dos camponeses respondia que não sabia ou que não “valia” quase nada. Cada vez mais, a terra, ao não incorporar valor, vai deixando de ser para o camponês fonte de subsistência. Através dos resultados dos dados sobre a organização do trabalho e divisão sexual do trabalho, foi possível observar que não há uma divisão sexual rígida, no sentido de que as mulheres ficam em casa e os homens trabalham na roça. Ao contrário, as mulheres, além de desempenharem todas as tarefas domésticas relativas à criação dos filhos, pre-

14 Silva, M.A.M. *Quando as andorinhas são forçadas a voar*. 1991, mimeo.

15 Graziano, E., Graziano Neto, F., op cit.

paro da alimentação, limpeza, cuidam de animais e quintais, caso os possuam, e trabalham na terra. O uso do tempo não é definido a partir de uma divisão entre tempo de trabalho na casa e fora da casa, como ocorre em relação ao tempo das mulheres assalariadas que acumulam a dupla jornada de trabalho. Segundo suas palavras:

Uai, quem trabalha na roça não tem essas coisas de tempo dividido não. Faz aqui, faz ali. Mulher é como engenho, não pára de rodar.

Por outro lado, a divisão do trabalho, na realidade, não acontece pelo fardo do trabalho, no sentido de ser pesado para os homens e leve para as mulheres. Muitas delas afirmaram que realizavam todas as tarefas, inclusive a de fazer cerca, considerada própria aos homens. "Sou homem, sou mulher, sou tudo, faço tudo." Esta divisão entre trabalho leve e pesado somente existe em nível das representações sociais. Mais adiante, voltar-se-á a estes aspectos. Estas mesmas situações foram também encontradas por outros autores em relação a outras realidades concretas.¹⁶ Nos limites deste texto, vale a pena citar uma passagem de Eigenheer, que analisou o trabalho familiar no Alto Jequitinhonha.

Contradizendo seu discurso inicial, que reforça a idéia de que o homem e mulher atuam com exclusividade, em distintas ordens da realidade, as condições concretas de vida dos entrevistados impõem uma nova divisão do trabalho, fazendo com que os espaços próprios de cada sexo se interpenetram em certos pontos (pp. 160-61).

No que tange às mulheres, não há uma dicotomização da jornada de trabalho. O que existe é uma imbricação das diferentes atividades exercidas. Neste sentido, partilha-se da idéia de Ricci, para quem não se pode falar em dupla jornada, já que esta expressão corresponde às relações de assalariamento, sob o capitalismo, nas quais há uma separação entre espaço produtivo e reprodutivo, público e privado. Esta autora emprega a expressão jornada justaposta, referindo-se ao trabalho das oleiras em Barbosa (SP).

16 Eigenheer, S.C.F., O. A pequena produção e o trabalho feminino numa área do alto Jequitinhonha. In: Brunchini, M.C.; Rosemberg, F. (orgs.). *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
Paulilo, M.I.S. A Mulher e a terra no brejo paraibano. In: Brunchini, M.C.; Rosemberg, F. (orgs.). *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
Ricci, T. D'A. *Trabalhadoras do barro: oleiras e olheiras. Um estudo de relações de gênero*. Tese de Mestrado. Araraquara, F.C.L.-Unesp, 1985, mimeo.
Heredia, B. *A morada da vida*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
Garcia, Jr. A. *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Através dos dados, percebe-se que os espaços do tempo das mulheres são quase todos preenchidos, ao passo que os dos homens não. Apenas cinco homens afirmaram desempenhar alguma atividade doméstica, ou seja, 0,12% do total dos entrevistados. Apenas 27,0% desempenham alguma atividade no terreiro. Na realidade, suas atividades concentram-se no trabalho agrícola. Pode-se dizer que possuem uma jornada única. Uma outra informação é referente ao descanso. Os homens, além de descansarem em vários momentos do dia, fazem-no com maior freqüência que as mulheres: apenas 26 respostas de descanso das mulheres contra 57 dos homens. É também interessante observar que o momento de descanso concentra-se, para as mulheres, depois do jantar, mas muitas delas exercem todas as atividades — excetuando o trabalho agrícola, o transporte de lenha e água e a lavagem da roupa —, depois do jantar. A imbricação das jornadas das mulheres aparece também por intermédio da indústria doméstica, atividade praticamente desempenhada só por elas.

Não havendo uma divisão do tempo feminino, o mesmo ocorre com o espaço. Há uma fusão entre espaço e tempo, na qual as dicotomias entre fora e dentro da casa desaparecem. Estes dados sugerem que há uma jornada justaposta para as mulheres, elas rodam sem parar, e uma jornada única para os homens. A divisão sexual do trabalho existe apenas em relação aos homens, que concentram suas atividades no trabalho agrícola, e não às mulheres. A divisão sexual, presente no discurso, no qual as mulheres só trabalham na roça como ajuda ao trabalho do homem e por precisão, é desmentida pelos dados da pesquisa. A situação em que as mulheres trabalham em casa e os homens na roça e olaria corresponde apenas a 9,25% dos entrevistados, enquanto 80,5% das respostas mostram a presença das mulheres na casa, na roça e olaria. A presença das crianças ocorre em todas estas esferas, o que pressupõe a socialização delas para o trabalho, quer acompanhando o pai, quer a mãe. Em 16,5% dos casos, observa-se somente a presença de mulheres e crianças desempenhando as atividades na roça e na casa, situação que traduz a migração do homem durante todo o ano.

Os dados revelam que a participação feminina se verifica em todas as tarefas do processo de trabalho agrícola, ou seja, preparo da terra, plantação, carpa e colheita. Não há, para os diferentes produtos, uma divisão, às vezes, concebida como natural, em que os homens preparam a terra, as mulheres semeiam e “ajudam” na carpa e colheita. No caso da mandioca, o preparo da terra é feito por um maior número de mulheres do que de homens. No milho, arroz e cana, a participação é praticamente a mesma. No feijão, há uma diferença de apenas 5,0% a mais para os homens. Quanto à fase da sementeira, a participação das mulheres é maior para a mandioca e arroz, igual para a cana e

amendoim e inferior para o milho e feijão. Quanto à carpa, as mulheres têm maior participação do que os homens na mandioca, milho, cana, amendoim. Em termos gerais, as diferenças desses percentuais são bastante pequenos, tanto para homens quanto para mulheres, inclusive na colheita. A importância desses dados reside no fato de eles tornarem visível e real a participação feminina em todas as fases do processo produtivo agrícola, desmistificando as concepções de que o trabalho da roça é pesado e, portanto, é um trabalho masculino e que as mulheres só trabalham quando há precisão. Outrossim, esta realidade de participação no trabalho não lhes confere o mesmo estatuto que os homens. Ou seja, mesmo exercendo a mesma tarefa, elas não são consideradas iguais a eles. Trabalho idêntico não significa igualdade social (no sentido dos gêneros) entre homens e mulheres. O trabalho não é causa desta diferenciação. Ele apenas a reflete. Trata-se de algo que preexiste, que impregna todo o tecido social e não apenas esta esfera particular. Pôde-se, então, perceber, que, além dos atributos inferiorizantes — de “ajuda”, “precisão” — ao trabalho da mulher, presentes no interior da unidade doméstica, a *troca de dias*, relação costumeira entre as diferentes unidades domésticas, reflete igualmente os caracteres diferenciadores entre os dois sexos. Há, na verdade, uma universalização desta diferenciação. Por isso, é necessário frisar que as relações de gênero não são relações que dizem respeito apenas à esfera doméstica, privada. E mais. Não são relações que se prendem a uma ideologia, como falsa consciência, existente apenas nas cabeças das pessoas, como meras idéias. Muito ao contrário. São relações presentes em todas as esferas e são imbuídas de elementos pensados e reais, no sentido de que refletem o real e também o determinam.

Há, além de uma divisão sexual rígida no tocante à *troca de dias*, uma sobrevalorização do trabalho masculino em relação ao feminino. Esta situação foi confirmada por muitos depoimentos, tanto de homens, quanto de mulheres.

Mulher devia ganhar igual ao homem: a enxada é igual.

É absurdo, a mulher trabalha igualzinho ao homem, e vale a metade dele.

Trocar dia com mulher, não é costume, não. O homem sente desvalorizado. Homem só pode trocar dia se for com homem e mulher com mulher. Assim fica certo, a senhora não acha?

As mulheres sentem as desigualdades, enquanto os homens referendam as relações discriminatórias. Na *troca de dias*, há um desmascaramento das pretensas relações de

igualdade entre os dois sexos. É uma relação, que muito embora, não se configure como uma relação capitalista do trabalho através da apropriação do sobretrabalho de outrem para a obtenção de um mais-valor, e conseqüentemente do lucro, realizada pelos detentores do capital, é uma relação de exploração. Ao ser obrigada a trabalhar em dobro, a mulher, na *troca de dias*, produz um sobretrabalho que é apropriado pelo homem. Não obstante a ausência de acumulação, há uma relação de exploração baseada nas desigualdades entre os sexos.

(...) as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se no terreno do poder, onde têm lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos exploradores, dominação e exploração sendo faces de um mesmo fenômeno.¹⁷

O poder masculino, ao instituir o trabalho da mulher como um trabalho inferiorizado, produz a idéia de que a mulher “vale” menos, vale a metade. Esta situação é apropriada pelos donos dos meios de produção numa relação de assalariamento, como se pode ver através do trecho de uma entrevista com uma mulher que vende, ocasionalmente, sua força de trabalho numa fazenda próxima ao povoado de Baixa Quente.

P. Quanto que ela (a fazendeira) paga para a Senhora?

R. Ela pagava o ano passado (1987) 50 cruzeiros por dia.

P. A mulher ganha igual ao homem?

R. Ganha menos. O homem ganha mais dois tantos da mulher.

Numa relação de trabalho assalariado, o valor da força de trabalho das mulheres corresponde também à metade do valor da força de trabalho dos homens. Tanto na primeira relação — a *troca de dias*, não capitalista — como na segunda, a venda da força de trabalho — relação de assalariamento —, o valor da força de trabalho feminina não possui a mesma equivalência da masculina. Em outros termos, as mulheres “valem menos”, “valem a metade”, apesar de a enxada ser a mesma.

O conceito de valor da força de trabalho, para Marx, designa a quantidade de trabalho necessária à reprodução desta mercadoria¹⁸. Ele enumera as necessidades de

17 Saffioti, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A. O.; Bruschini, C. (org). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1992, p. 185.

18 Marx, K. *Le capital*. Livrê I, Tome I. Paris, Editions Sociales, 1978.

reprodução referentes à moradia, alimentação, vestuário, educação e os elementos históricos, querendo dizer com isso, que as necessidades da reprodução são necessariamente dinâmicas e inseridas em relações sociais determinadas.

Partindo deste conceito marxiano, somente os elementos históricos podem explicar a diferença entre os valores da força de trabalho destes homens e mulheres. Ou seja, as relações sociais de gênero são responsáveis, neste caso, por estas discrepâncias. Em linhas atrás, ficou claro que a divisão sexual do trabalho não é causa, mas o reflexo das assimetrias entre os sexos. A diminuição do valor da força de trabalho feminina é produzida por estas relações, que não se restringem, como já foi frisado, à esfera do trabalho. A mulher (e não somente seu trabalho) “vale” menos. Há, no tocante às representações sociais que refletem o real e que direcionam as práticas sociais, a concepção de que ela é um menos valor.

Muito embora Marx tratasse do valor enquanto valor da força de trabalho, considerada como uma mercadoria existente numa relação em que predomina o trabalho abstrato, observa-se que, tanto na *troca de dias* como no assalariamento, o menos valor da força de trabalho feminina não pode ser compreendido apenas no âmbito do *quantum* de trabalho social. Aliás, o conceito de força de trabalho vincula-se, em Marx, ao trabalho abstrato, portanto geral e social. O predomínio do trabalho abstrato dá-se em situações históricas definidas, ou seja, corresponde à época capitalista, quando trabalho e força de trabalho acham-se separados. Por outro lado, as relações capitalistas não pressupõem a igualdade do trabalho no momento da venda da força de trabalho. Marx, em diversas passagens de *O capital*, apresenta inúmeros exemplos nos quais a força de trabalho de mulheres e crianças valia menos do que a dos homens, tanto nas indústrias quanto na agricultura. Em alguns momentos, esta mercadoria barata era até mesmo preferida em detrimento do emprego de homens.

Estas questões já foram discutidas em outros trabalhos¹⁹. O que importa frisar, neste momento, para a compreensão da realidade aqui tratada, é que o mercado de trabalho capitalista não é neutro. Os atributos sociais, de sexo, de raça, além dos de classe, impregnam o valor da força de trabalho. Na verdade, estes caracteres que só existem no indivíduo, na materialidade de seu corpo, não podem ser dissociados do

19 Silva, M.A.M. Trabalhadores e trabalhadoras rurais no Estado de São Paulo. *Anais do I Seminário Mulher Rural. Identidades na pesquisa e na luta política*. Nova Friburgo, 1987, pp. 151-78.

valor de sua força de trabalho. Há, em outros termos, uma simbiose entre valor da força de trabalho e os valores (atributos) que constituem a representação do indivíduo.

No que tange às relações de trabalho referentes à *troca de dias*, relações que não são capitalistas, há a mesma simbiose entre valor da força de trabalho e atributos sociais de gênero. Ou seja, é em razão das representações de gênero que as mulheres valem menos, por conseguinte, seus trabalhos valem menos. Esta mesma situação vai existir quando as mulheres se assalariarem. Há uma apropriação pelos donos da terra e dos outros meios de produção dos atributos sociais existentes, apropriação esta que lhes traz maiores benefícios, já que ao pagarem menores salários às mulheres, aumentam a massa de mais-valia extorquida, portanto, o grau de exploração. Em virtude das relações sociais existentes, esta maior exploração das mulheres por parte dos donos da terra é referendada pelos homens, uma vez que eles, na troca de dias, agem da mesma forma, ao imprimir ao trabalho delas a metade do valor de seus trabalhos. Percebe-se, então, uma confluência dos valores machistas e discriminatórios presentes tanto nas relações de gênero quanto nas relações de classes. A discriminação que recai sobre as mulheres no interior da sociedade em que vivem é estendida às relações da sociedade de classes. Isto ocorre, porque, ao longo da vida, elas vão incorporando as marcas sociais traduzidas em termos dos atributos do gênero feminino. Gênero feminino significa, portanto, uma construção social, um produto social. A análise da *troca de dias* permitiu desvendar as diferenças existentes entre o masculino e o feminino, no interior de um grupo considerado socialmente, no seu conjunto, dominado e explorado.

Feitas estas considerações acerca da presença feminina no trabalho e as discriminações existentes, serão introduzidos outros elementos, relativos ao trabalho, que dizem respeito à indústria doméstica, atividade essencialmente desempenhada por mulheres. Embora se trate de uma tarefa cada vez mais perdida pela maioria delas, em virtude do processo contínuo de empobrecimento da terra, que não mais oferece os meios de subsistência necessários à reprodução, alguns depoimentos são extremamente reveladores à compreensão do trabalho e das formas do ser feminino nesta realidade social. As reflexões que se seguem procurarão dar conta da proposta inicial: entender o trabalho, carregado de significados. Caminhar nesta direção parece ser um bom caminho para o deslindamento de muitos elementos invisíveis. A indústria doméstica é algo de extrema importância para a reprodução das unidades camponesas. No entanto, os estudos sobre esta temática dão pouca atenção a este aspecto. Mesmo aqueles que resgatam a participação feminina, a ênfase sempre recai sobre o trabalho na terra. A indústria doméstica, vista como atividade acessória, acaba tendo o mesmo tratamento em muitas análises.

A preocupação será no sentido de não tratá-la como algo subsidiário, mas como uma esfera necessária do trabalho dos camponeses para a garantia de sua reprodução social. Trata-se de um conjunto de tarefas que une agricultura e indústria (no sentido de produção e transformação), através da existência de um saber transmitido de geração em geração. Pelo fato de ser, sobretudo, um trabalho exercido pelas mulheres (os homens trabalham, em geral, a madeira e couro), são elas que detêm este saber. A perda do mesmo corresponde à perda da terra, fonte indispensável da produção de matérias-primas para a indústria doméstica. A perda deste saber é, pois, consequência do enfraquecimento natural da terra e da perda das chapadas. Esta situação gera mudanças profundas nas relações entre mulher e terra. Sem a terra, ela se vê amputada de uma importante atividade, definida pela não-fragmentação do trabalho e pela desalienação.

“Quando acabo a lida, eu fio algodão”

Quando inquiridas a respeito da indústria doméstica, apenas algumas mulheres afirmaram possuí-la. Era em virtude da perda da propriedade da terra, das chapadas, ou, ainda, da perda dos instrumentos: teares, tachos e engenhos, que algumas mulheres não desempenhavam mais essas atividades. Muitas deixaram de produzir o óleo de piqui, outrora existente, em grande quantidade nas chapadas. De uma certa forma, notou-se que boa parte delas ainda conserva o saber destas atividades, o que denota a privação recente destas condições de subsistência. Portanto, as que possuem instrumentos, como teares, engenhos, tachos, são em número bem reduzido.

Desde o século XVIII, como se viu, a história destas populações foi marcada pela atividade da indústria doméstica. Assim, a menção aos tecidos de algodão, como cobertores, os “exportados” para o Rio de Janeiro, aparecem nos escritos dos viajantes.

O campo é muito fértil e produz grande variedade de madeiras, algumas próprias para a marchetaria, muitos frutos e magnífica baunilha. A região convém perfeitamente à cultura do açúcar e do café. Aí cultiva-se principalmente o algodão, tido como igual em brancura e finura ao de Pernambuco, sendo transportado em lombo de burros ao Rio de Janeiro, e neste comércio são empregados constantemente grandes tropas daqueles úteis animais.²⁰

Quase todas as mulheres de Sucuriú (arraial da Vila de Fanado, atual Minas Novas)

20 Mawe, J. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo, Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1978, pp. 163-4.

fiam o algodão e, na maioria das casas dessa povoação, fazem-se tecidos mais ou menos grosseiros. Os mais finos consome a própria família e vendem-se os outros, cujo fio não custa tanto a fiar e ao mesmo tempo encontram mais fácil colocação.²¹ Para separar o algodão das sementes emprega-se uma pequena machina portátil que se compõe de duas colunas nas quais se apoiam outros tantos cilindros do comprimento de cerca de um pé, da grossura de um dedo e muito aproximados um do outro. Apresenta-se os flocos de algodão a um lado dos cilindros e faz-se girar estes em sentido contrário com o auxílio de manivelas colocadas do lado de fora dos espeques. Os cilindros pegam o algodão, puxam-no com a sua rota e, fazem-no passar para o outro lado da machina, e as sementes ficam do lado em que foram apresentados os flocos...

Para cardar o algodão existe um pequeno arco cuja corda pode ter o comprimento de pé e meio. Insinua-se essa corda em um fardo de algodão; pinça-se esta com leveza; repete-se sem cessar este movimento, e, à medida que se reitera com uma mão, com a outra, a qual sustem o arco, passeia-se este bastante docemente afastando-o de si. A corda empurra o algodão e, pelo movimento de sacudidelas que se dá à primeira, afasta as fibras.²²

Mais adiante, St. Hilaire refere-se à existência das plantações dos algodoeiros em Minas Novas. Diz ele:

Os comerciantes conhecem hoje em dia a boa qualidade do algodão de Minas Novas, e é cotado nas bolsas comerciais como o de Pernambuco e Maranhão.

Uma parte da safra é manufaturada na região sob a forma de tecidos e cobertas que se exportam ou consomem-se no local. O resto das colheitas expede-se em rama para a Bahia, Rio de Janeiro e diversas partes da província de Minas Geraes.

O algodão em rama e as cobertas acondicionam-se em espécies de sacos ou caixas (boroacas ou bruacas), feitas de couro de boi crú.²³

Referindo-se à população do termo de Minas Novas, St. Hilaire afirma que aí não havia tanta miséria como em torno de Vila Rica.

Os colonos vestem-se ahi com estofos muito grosseiros; mas não trazem a roupa em farrapos, e como os panos de algodão são aqui muito baratos e grande número de habitantes fabricam-nos em sua própria casa, os próprios negros andam melhor vestidos do que allures.²⁴

21 Saint-Hilaire, op. cit., p. 48.

22 Idem, ibidem, p. 340.

23 Idem, ibidem, pp. 98-9.

24 Idem, ibidem, p. 216.

Ainda, a respeito da fiação e tecelagem do algodão, este viajante se refere às índias da tribo dos Malalís, existentes na região e rivais dos botucudos.

São as mulheres que preparam os alimentos e vão buscar a lenha para fazer o fogo.. antes do contato com os Portugueses, uma das ocupações das mulheres era erguer as choupanas, e elas ainda estão encarregadas deste mister nas grandes caçadas em que seus maridos são obrigados a dormir no mato.

Os homens semeiam o milho; mas as mulheres plantam as batatas e arrancam-nas. Para essa última operação servem-se de uma espécie de pau ponteagudo muito rijo; e, à medida que tiram os tubérculos da terra, atiram-nos para um saco de rede que levam às costas, preso a um cordão que passam como uma alça pelo alto da cabeça. Em geral, estão acostumadas a carregar na cabeça, fardos muito pesados. Quando carregam lenha, é também na cabeça...

Além do vasilhame de barro, as mulheres fazem ainda estes sacos de que falei acima. Fornecem-lhes o material de fabricação o algodoeiro e uma espécie de cecropia. com a concha de um molusco, esfiapam as fibras lenhosas; separam-nas do tecido celular que as liga, e fazem assim, uma espécie de estopa muito fina... A espécie de cordão que resulta desse trabalho serve para fazer não só os sacos de rêde, como também as cordas dos arcos.²⁵

Estes relatos nos dão conta da importância da fiação e tecelagem do algodão para os índios malalís, e mais tarde, para estas populações que se fixaram na região, após a decadência da mineração.

Além dos tecidos em algodão, St. Hilaire destaca o artesanato em barro, desenvolvido pelas mulheres malalís.

São ainda as mulheres que fabricam o vasilhame. Os vasos que saem de suas mãos vão ao fogo e são muito bem feitos. Fazem-nos de diversos tamanhos; mas todos têm a mesma forma, e, como entre os malalís, é de uma esfera um pouco deprimida, tendo uma larga abertura.²⁶

O barro existente nas veredas foi essencial ao fazer-se dos camponeses. Além dos potes para carregar e transportar água, as mulheres fazem panelas e objetos de enfeites, como figuras de santos, presépio, casas, animais, brinquedos. “O barreiro é considerado, desse modo, um bem social, a exemplo do que ocorre com a água, que não pode ser

25 Idem, *ibidem*, pp. 52-3.

26 Idem, *ibidem*, p. 52.

destruído ou danificado”.²⁷ A água, o barreiro, a madeira existente nas chapadas, o couro, fornecido pelo gado, criado solto nas chapadas, e a terra das grotas formavam um todo único e fundamental ao desenvolvimento da indústria doméstica.

Muito embora esta unidade tenha praticamente se esfacelado com a ocupação das chapadas, na década de 1970, pelas grandes empresas reflorestadoras, algumas mulheres ainda desenvolvem estas atividades. Alguns trechos de entrevistas são bastante reveladores da importância deste trabalho para o grupo familiar e para elas. Pode-se notar que é um trabalho que lhes traz satisfação, prazer, realização. Não é fardo, não é um trabalho definido pela alienação. Ao contrário, há uma relação muito estreita entre sujeito e objeto, em que o produto recebe a marca da subjetividade de suas possuidoras. Prevalece, aí, o sentido do ser, e não do ter. Esta marca é fruto das condições materiais existentes e também do desejo, da vontade, da criação individual. É este trabalho que lhes permite criar, que lhes permite serem elas mesmas e não o outro. Marx, ao se referir à alienação, nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, aponta justamente para essa desvinculação do eu com o objeto que se torna o outro e de outrem.

A alienação aparece tanto no fato de que meu meio de vida é de outro, que meu desejo é a posse inacessível de outro, como no fato de que cada coisa é outra que ela mesma, que minha atividade é outra coisa e, que, finalmente, domina em geral o poder desumano.²⁸

Alguns depoimentos poderão contribuir ao aprofundamento destas reflexões.

P. Dona Maria, como é o seu trabalho de fiar o algodão?

R. A gente descarroça o algodão assim, a gente abre o leme, depois puxa, vai fechando, vai enrolando, tudo no fuso.

P. A Senhora gosta de fazer este trabalho?

R. Pois é, aqui de noite, quando a gente largou do trabalho, naquela hora que a gente desocupa da lida da casa, aí, a gente senta e vai fiar.

P. O que a senhora vai fazer com este fio?

R. Eu vou mandar a Lúcia fazer uma toalha, um guardanapo, toalha pra carregar doce. Meu tear quebrou.

P. Quanto a Lúcia cobra para tecer?

R. A base tá de cinqüenta cruzados, uma vara. Uma vara de pano é um metro e meio. Eu faço o novelinho.

27 Graziano, E; Graziano Neto, F., op. cit., p. 99.

28 Marx, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Coleção Os Pensadores. 2 ed. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1978, p. 22 (grifos do autor).

P. Quem lhe ensinou fiar e tecer?

R. Ah, a minha mãe, minha vó. Quando minha vó não aguentou a trabalhar mais, ela ficava só sentada, fiando, fazendo o que eu estou fazendo agora. A gente não comprava roupa. Era pra homem, pra mulher, era tudo. A gente fiava e repartia aquilo tudo. As mulheres faziam saia, fazia blusa, fazia tudo. E tingia e ficava bonito.

P. A senhora faz outras coisas.

R. Faço tudo. Faço farinha, não faço mais rapadura, porque o engenho quebrou. Faço colorau, faço óleo de piqui.

P. Como faz o colorau?

R. Ah! debulha aquelas varginhas e põe fubá e soca e põe gordura, peneira e aí sai o pó. O pó é o colorau.

P. A senhora vende alguma coisa na feira?

R. Quando sobra, vendo pote, doce, colorau, óleo de piqui e farinha e balaio.

P. A senhora sabe fazer balaio? Eu pensei que fosse um trabalho de homem.

R. É difícil. A gente tem que tirar a taquara do bambu, buscar ela e fazer o trançado para o balaio e cesta. Eu aprendi quando eu fiquei sem o marido, eu casei duas vezes. Eu casei uma vez, o marido morreu, eu fiquei com uma criança novinha para criar. Eu não safa, eu não podia sair para trabalhar, eu esforçava pra fazer o serviço aqui dentro de casa mesmo e tinha que fazer. Eu aprendi com o meu irmão. Não é serviço pesado. O pesado é da roça e da oleria (olaria). O mais leve é fiar algodão. Distrai. O balaio também. Eu estralo as taquaras, sento numa sombra e vou tecendo. Eu faço o balaio quando estou mais folgada..., que eu não estou muito atarefada de serviço, eu faço balaio. É pra encomenda. É tudo encomenda. Eu faço de tudo. Esta gamorra aqui é pra socar milho, pra fazer o fubá. Esta é a roda pra relar (ralar) mandioca. Este é o tacho pra torrar a farinha. Quando tem o mandiocal grande, a gente faz a farinha e vai ensacando. O dia de fazer farinha é só farinha.

P. Como faz o óleo de piqui, dona Maria?

R. Apanha os piquis, descasca e põe pra cozinhar. Depois, a gente soca e põe pra ferver na água e vai apanhando a gordurinha de cima, que vai juntando por cima. A gente usa o óleo de piqui como arroz no molho... põe a comida no prato, põe o molho por cima.

P. D. Maria, quem fez a roda pra ralar a mandioca e o descaroador pra moer a cana?

R. Foi meu marido.

Podem-se extrair deste depoimento os seguintes elementos para a análise:

— A divisão sexual do trabalho revela que os instrumentos de trabalho são produzidos pelo homem. O ato de fazer balaio, em geral, é um trabalho masculino. Neste caso, é realizado pela mulher. Este é um exemplo em que a divisão sexual do trabalho só é válida para o homem.

— O ato de tecer, realizado à noite ou à sombra, em posição sentada, quando terminada a lida.

— A troca simples de mercadoria: venda por encomenda ou somente quando há o excedente.

— Troca envolvendo outras mulheres. A divisão do trabalho de fiar e tecer ocorrendo entre vizinhas, em razão do tear de uma delas estar quebrado. É interessante observar a medida utilizada: vara.

— Nível de necessidades determinadas socialmente. Por exemplo, uma vara de pano para enrolar o doce que é levado à feira para ser vendido.

— Tingimento dos tecidos feito com frutos de algumas árvores, além do algodão ser plantado pelas próprias mulheres, o que determina a unidade entre agricultura e indústria doméstica.

Um outro depoimento revela como se verifica o tingimento dos tecidos.

Eu planto o algodão também. Este ano, o meu algodão não deu, mas eu, quase, só trabalho com algodão que eu colho.

P. E pra tingir, a senhora compra a tinta?

R. Às vezes. Eu tinjo mais é com tinta do mato. Eu tinjo de casca de anjico, casca de arueira, casca de manga, casca de tanivaca, miolo de moreira. Eu tinjo com lama de rio. Eu tinjo com urucum... com qualquer coisa do mato, eu sei tingir com qualquer coisa. Cinza de formalha, de fogão. Você vê, este povo da roça tem fogão, não é? A cinza, a gente tira de coada ou pega a cinza e coloca num paninho e põe dentro... amarra a trouxinha e põe dentro da casca de angico. Quando está fervendo junta com as meadas. Ali vai largando aquele aperto, largando aquele aperto... quando a gente tira as meadas fervendo.. põe pra secar lá no sol. Secou, a gente leva no rio, lavou, ah!, é um pardo bonito...

R. Eu tinjo com umbigo de banana: aperta com de coada da cinza do fogão. Eu tinjo com anil de folha, fica azulinho da cor de tinta-a-óleo. A tinta de anil é muito segura.

P. Quem ensinou tudo isso à senhora, dona Antonia?

R. A minha mãe. Ela era tecelã. Aprendeu com minha avó, a mãe dela.

Este depoimento revela a variedade de tintas utilizadas. “Tinge com qualquer coisa”. Trata-se de um saber transmitido de mãe para filha. Os detalhes relatados no ato do tingimento mostram o quão importante é o saber do tingimento. Chega a garantir que a tinta produzida é melhor do que a comprada. “Algodão pardo não descora. Se ele descora, a senhora pode me trazer ele de volta. A tinta comprada, às vezes descora.”

Esta mesma mulher ressaltou, várias vezes, o valor do seu trabalho materializado em colchas, almofadas, toalhas, etc. Chamava a atenção para a beleza, a qualidade destes produtos e os detalhes da produção dos mesmos. À maneira de Dona Maria, considerava este trabalho uma criação, uma realização.

Olha o rendado. A senhora pode olhar. Lá em Roça Grande (local onde a Codevale instalou um centro de artesanato para as mulheres), eu ensinei as meninas, mas elas não fazem igual. Porque elas conhecem é o dinheiro. Elas não conhecem o valor disso. Nós devemos ter valor. Eu acho mais bonito a Senhora olhar pra mim, me dar valor do que dar valor pra colcha. Por que o valor está na cabeça... Por que o dinheiro, minha filha, nós trabalhando, nós precisamos do dinheiro. Agora, o valor da gente se acabar, a gente não vai achar ele mais não.

Este trecho do depoimento obriga ao aprofundamento das reflexões anteriores acerca do valor e da alienação. Em primeiro lugar, Dona Antônia diferencia seu trabalho do das meninas de Roça Grande. A diferença é que, segundo ela, as meninas visam ao dinheiro e ela não. Ao dizer que as meninas não sabem o valor, embora saibam fazer a colcha, percebe que há uma relação de exterioridade delas em relação ao produto. Quando diz “nós devemos ter valor”, está revelando que o valor do produto é um reflexo do seu valor, dos seus atributos. Esta afirmação aparece na seqüência do relato. “Eu acho mais bonito, a senhora olhar pra mim, me dar valor, do que dar valor pra colcha.” O olhar da compradora não deve ser um olhar dirigido à mercadoria, mas à possuidora da mesma. A mercadoria, valor de uso, fruto de um trabalho concreto, dela, Dona Antonia, primeira artesã de Roça Grande, não representa nada sem ela, não possui valor. Aqui, o valor da coisa só existe na cabeça do indivíduo, da possuidora da mercadoria. O valor da colcha, ao existir somente enquanto idéia, significa que ele é representado. Não existe a coisa em si. Não há aqui o fetiche da mercadoria assumindo o lugar das pessoas. Não se trata de uma relação entre coisas, mas entre pessoas. Há uma personalização das pessoas e não das coisas, como na fetichização da mercadoria sob o capitalismo. A coisa só tem valor, porque a pessoa o possui. É a pessoa que transmite o valor à coisa. Ao dizer que, se o valor da pessoa acabar, ele não mais será encontrado, induz à primazia, mais uma vez, da pessoa sobre a coisa. Por outro lado, garantir a primazia não significa tratar a coisa como algo inerte, objetivado. Por isso, diferencia seu trabalho do das outras meninas que sabem fazê-lo. A posse do saber não significa uma relação de equivalência entre ela e as meninas. A mercadoria, colcha, pode ser a mesma. No entanto, quando afirma que as meninas só vêem o dinheiro, isto significa que elas produzem a colcha como valor de troca, coisa objetivada, exteriorizada, servindo a um uso geral. Ao contrário, ela, ao reclamar o valor para si, na verdade, interioriza o valor da coisa como se fosse dela mesma. Identifica-se com a coisa, seu produto, seu valor. Transmite à coisa sua representação, seu pensamento, seus símbolos,

sua alma, sua vida. Aqui, podemos parafrasear Mauss, referindo-se aos indígenas maori, acerca das trocas.

(...) (a) ligação pelas coisas é uma ligação de almas, porque a própria coisa tem uma alma, é alma. Donde se segue que apresentar qualquer coisa a alguém é apresentar qualquer coisa de si.²⁹

Quando mostrava a colcha, preferiu que se olhasse não para a colcha, mas para ela mesma. A colcha representa parte de sua natureza, substância, essência, de seu ser.

Um outro aspecto, que merece atenção, é o ato de tecer o algodão, como algo feito depois do trabalho, depois da lida, segundo o relato anterior de Dona Maria. Na verdade, para ela, tecer significa o não-trabalho, o descanso. É o momento em que se coloca à sombra e se senta. Permanecer nesta posição significa para o corpo um momento de repouso, prazer de jogo lúdico, de devaneio, de fantasia.

Sem a pretensão de dar conta dos elementos psíquicos, presentes neste ato, ressalta-se uma passagem belíssima da análise de Amneris Maroni acerca das considerações sobre o ato de tecer em Jung e o devaneio em Bachelard.

Ao devaneio, à imaginação está ligada também o devir psíquico: Valemo-nos da imagem, da imaginação, da fantasia para “darmos forma”, digamos assim, dos conteúdos que emergem do inconsciente. E, “ao darmos forma”, criamos,... o futuro. Não se trata de “planejamento de vida”, obviamente. Antes, estamos falando da relação do indivíduo consigo mesmo, onde o aspecto feminino do psiquismo exerce o papel da fiandeira, ao tecer possíveis.³⁰

O ato de sentar-se à sombra, ou à noite, para tecer, pode indicar o caminho para o devaneio, a fantasia, o tecer de possíveis. Por isso, é algo feito depois da lida, do trabalho. A fiandeira, ao tecer, dá forma ao produto que realiza. Ela cria, e ao criar, ela tece os possíveis. Estes possíveis são tecidos e carregados de simbolismo. O fio de algodão representa um ritual de cura. O fio de algodão cura *espinhela* caída e outras doenças, através das curandeiras. O fio de algodão evoca também a teia de aranha,

29 Mauss, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70, p. 67.

30 Maroni, A. Tecendo possíveis. In: Silva, M.A.M. (org). *Mulher em seis tempos*. Gráfica da F.C.L. Unesp —Araraquara, 1991, p. 135.

sendo esta uma tecelã. O universo da tecelagem está nos rituais da cura, nos desenhos. São estes símbolos que organizam as relações sociais.

A análise etnográfica de Luciana Bittencourt aprofunda as considerações sobre as formas dos desenhos: os quadrados, os losangos, além da casa, das flores que aparecem nas almofadas e colchas. O padrão geométrico (losangos representados pelos tijolinhos com os quais se constrói a casa de adobe) combina-se ao não geométrico (galinhas, pássaros, flores, ramos, figuras femininas). Aí, a mulher é representada. O homem não. Há, ainda, segundo a interpretação desta autora, um forte simbolismo da casa que representa a unidade camponesa. Aliás, observa-se um entrecruzamento de casa, tecelagem e mulher.

Um outro elemento, analisado no ato de tecer, refere-se às canções. Ao jogar a lançadeira, é como se a pessoa estivesse dançando. O objeto de trabalho encarna-se na tecelã. Ao mesmo tempo que a colcha está sendo tecida, tecem-se fofocas, tecem-se os laços e relações sociais. Da mesma forma que o pássaro (a garrincha) canta quando faz o ninho, a tecelã canta quando faz a colcha. Há também uma ligação estreita entre tecelã, pássaro e aranha. Todos tecem para sobreviver. Para a tecelã, o ato de tecer permite o sustento dos filhos. Da mesma forma que o ninho e a teia de aranha representam o local para a reprodução, o lugar onde se tece assume a mesma importância

Retomando as considerações feitas, anteriormente, à luz destas reflexões de Luciana Bittencourt, observa-se que o trabalho, enquanto ato de tecer, envolve uma ligação estreita entre sujeito e objeto, tramada pela rede do imaginar, das projeções, dos significados simbólicos, em que a natureza se faz presente, não só enquanto objeto de trabalho, como também como parte do universo simbólico. A relação entre mulher, aranha, garrincha, tear, teia e ninho faz-se pela simbiose entre mulher e natureza, permeada pelos símbolos.

O ato de tecer, atividade essencialmente feminina, sofreu transformações a partir do momento em que os homens foram introduzidos neste processo, sobretudo quando a Codevale passou a incentivar a tecelagem manual como atividade comercial.

Viu-se, no depoimento da artesã Dona Antonia, como ela estabelecia a diferença entre seu trabalho e o das “meninas” de Roça Grande. Além deste aspecto, podem-se introduzir outros, a partir da pesquisa de Luciana Bittencourt.³¹ A referida autora salienta que, antes, os homens discriminavam o ato de tecer. “Se um homem tecer, ele vira

31 As reflexões de autoria de Luciana Bittencourt foram apresentadas no GT-16, Organização social e cultura material rural, sob a coordenação de Magarida Maria Moura, durante a XIX Reunião da ABA, realizada entre 27-30 de março de 1994, Niterói.

mulher, as pernas vão afinar e o esperma vira água e ele não vai ter condições de sustentar a família.” A partir do momento em que os homens começam a tecer, há uma mudança profunda dos significados. A tecelagem perde as características femininas e assume as masculinas. Agora, ela é vista enquanto trabalho pesado, antes era leve. O peso do tear passa a causar mal às mulheres. O tear, agora, torna-se uma espécie de extensão do corpo do homem. Quanto às canções e aos demais símbolos, houve profundas alterações. Os homens não cantam, eles mantêm as narrativas da roça.

Neste sentido, redefine-se a divisão sexual do trabalho, restando à mulher as tarefas da casa. O tear de Roça Grande não é o mesmo de antes. A produção de mercadorias, portanto, do valor de troca, produz a desconstrução das relações e representações sociais. Realiza-se, assim, com a inserção dos homens neste processo, uma des-re-construção da atividade de tecer e do universo de significados permeado pelas relações de gênero.

Comentado o conceito de gênero de Lauretis, afirma Saffioti:

Desta sorte, o gênero é a representação de uma relação social: do pertencimento do indivíduo a uma categoria social e da posição deste indivíduo face a outros grupos previamente constituídos. Assim, não se trata apenas de uma construção sócio-cultural, mas também de um aparelho semiótico, ambos convergindo para um conjunto de representações que atribuem significados aos membros de uma sociedade.³²

Segundo Lauretis³³, o gênero é produto da representação e da auto-representação.

À luz destes conceitos, pode-se inferir que a materialidade do tear, das colchas e almofadas produzidas pelas fiandeiras não incorporadas pelo projeto da Codevale, difere daquela dos(as) tecelões(ãs) de Roça Grande, em virtude dos caracteres semióticos (relativos ao gênero feminino e masculino) presentes nas duas realidades sociais. A mesma mudança de significados pode ser vista na produção da tapeçaria arraiolo, espécie de tapeçaria bordada. Trata-se de um produto belíssimo. Mas as mulheres não possuem a mesma relação com o fruto de seu trabalho como as citadas anteriormente. Trata-se de um trabalho a domicílio. As bordadeiras recebem a matéria-prima, telas, fios, agulhas, desenhos, moldes de uma empresária residente em Diamantina. Neste trabalho, não há criação, apenas execução de tarefas. É um trabalho por peça. Realizam todas as tarefas,

32 Saffioti, H.I.B. Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero. In: Silva, M.A.M. (org.). *Mulher em seis tempos*. Araraquara, Gráfica da F.C.L., Unesp, 1991, p. 158.

33 Lauretis, T. *Technologies of gender*. Bloomington, Indiana University Press, 1987.

com exceção do arremate que é feito em Diamantina. Trata-se de uma tapeçaria valiosíssima, vendida nos principais centros do país e também no exterior.

A seguir, trechos da fala de uma bordadeira do arraiolo sintetizam estas idéias.

P. Quantas horas você trabalha por dia?

R. O dia todo. Trabalho até a noite.

P. Você gosta de tecer?

R. É gostoso. O problema é que dói as costas. A gente encosta um pouco, levanta pra descansar. Dói a coluna. Eu estou com problema de coluna. Já faz sete anos que trabalho nisso.

P. Quando começou o problema na coluna?

R. Eu fiquei com problema de coluna porque foi depois que eu comecei a fazer o tapete, que eu tive o problema... A gente cansa, mas a gente descansa um pouco pra depois continuar.

A seqüência deste depoimento refere-se ao trabalho em si e às relações com a “dona” do bordado em Diamantina. Pode-se apreender que se trata de uma tarefa reduzida a tempo de trabalho e quantidade de peças bordadas. Um atividade cansativa que provoca dores na coluna. Um trabalho, cujos instrumentos são do outro, da “dona do bordado”, logo, um trabalho alienante. É importante observar que a alienação não é produzida pelo trabalho em si, mas pelas relações sociais. O mesmo ato de tecer representava, antes, momentos de realização, auto-estima e criação, e, agora, o cansaço, a doença. As relações de trabalho a domicílio são geradas no contexto de relações de classes, em que uma mulher, representada pela “dona do bordado”, isto é, pela classe que detém o capital (telas, fios, instrumentos, desenhos, etc.), expropria o trabalho de um conjunto de mulheres possuidoras de uma força de trabalho específica: o saber do bordado. Aí, não mais se observam as relações entre mãe e filha no ato de aprendizagem do trabalho, mas as relações de comando de execução de tarefas, nas quais as mais velhas bordadeiras ensinam às mais novas, às meninas que se incumbem das partes mais simples do bordado. Um outro elemento, a ser destacado no conjunto das diferenças destas relações, é que antes, além da unidade agricultura e indústria, a possuidora da mercadoria era também quem a comercializava. Havia uma relação direta entre produtores, compradores e consumidores. Tratava-se de uma relação personalizada, existente nos espaços de reconhecimento social, tanto de produtores quanto de consumidores. No último caso, esta relação rompe-se. As produtoras dos tapetes não são as proprietárias dos mesmos. Há uma separação entre produtor e produto, entre sujeito e objeto. O produto final não traz suas marcas. É reconhecido como Arraiolo, produzido

em Diamantina. Igualmente, as produtoras desconhecem os elementos da venda. Apenas sabem que são vendidos muito longe, até no exterior. Constitui-se como exemplo típico de um trabalho feminino a domicílio, no qual as bordadeiras são extremamente exploradas.

Estas mulheres, fiandeiras, tecelãs e bordadeiras existentes no Vale, inserem-se, apesar de viverem na mesma região, em relações sociais diferenciadas. A menção a elas foi importante para o entendimento do trabalho, como forma de subjetivação e de objetivação, ou seja, é por ele que o sujeito se objetiva e o objeto se subjetiva (fiandeiras). Também é por meio dele que o sujeito se separa do objeto (arraiolo), e que o universo simbólico redefine o masculino e o feminino (tecelagem em Roça Grande)

Amassar o barro é como amassar pão

Como já foi mencionado anteriormente, o barreiro era e continua sendo um elemento muito importante para assegurar a produção material dos camponeses. Viu-se que o artesanato em barro era uma atividade desenvolvida inclusive pelas mulheres indígenas. Durante a pesquisa, foi possível observar várias mulheres com seus objetos em barro nas feiras: potes, enfeites com características zoomórficas, antropomórficas, figuras de santos, casas, igrejas, etc.

Por intermédio da realização de entrevistas com duas delas, e observação direta, foi possível registrar todo o processo de produção destes objetos e deslindar o saber, a participação das crianças e, ocasionalmente, dos homens neste trabalho.

Comecei a fazer sozinha. Ninguém me ensinou. Foi depois que eu casei que eu comecei a fazer. Eu inventei a fazer, porque a gente sempre precisava. Depois, as meninas começaram a fazer também. Aí, elas pegaram a fazer melhor do que eu. Hoje, eu faço os potes, essas casinhas, eu faço. A igreja, o sobradão são as minhas filhas que fazem.

Inquirida sobre o processo de trabalho, ela respondeu:

Soca o barro, peneira, depois amassa o barro e corta, assim com a faca. Corta as pecinhas e levanta e depois, então, que abre as portinhas. Depois, faz as telhas, depois põe por cima. Antes faz as lagezinhas e depois põe as telhas... vai, com a ponta do dedo, fazendo estas viradinhas para dar a forma pras telhinhas. Agora, para queimar é o seguinte. Põe fogo no forno cedo e vai candeando até as duas ou três horas da tarde. Aí, põe bastante fogo pra poder clarear. Os potes, a gente usa um que serve de fôrma. A gente faz o fundo e depois vai levantando... agora, pra tingir as casinhas, eu uso a tinta de bisnaga, comprada ou a tinta de tingir roupa. Eu faço assim, por

costume. A gente corta os tantozinhos numa bitola só, mas a casinha não tem jeito de pôr na fôrma; não tem jeito, porque depois, como é que tira? O pote põe na fôrma, levanta até numa altura, depois vai pondo o pavio, que eles tratam, né e levantando... Tem que amassar muito, porque qualquer um cisquinho que ficar, não queima, estoura; estoura, solta os pedaços de barro no lugar.

Sobre o forno, disse:

A gente aprendeu na pura idéia. A gente fez assim, um cálculo pra ver se deva certo pra poder queimar e fez com mais pouco suspiro. Então, ficava preto, a vasilha ficava preta. Então nós aumentamos, aumentamos o suspiro, aí, deu certo, porque fica clarinho. Por que sendo pouco suspiro, dá pouco fogo pra cima, então, tem lugar que fica preto... a gente foi praticando e... foi cuidando por idéia, mesmo.

Sobre a qualidade do barro, forneceu a seguinte explicação:

Antes, a gente buscava o barro longe, mais de seis quilômetros. Buscava no cavalo. Aí, estava dando muito trabalho... aí, a gente inventou de experimentar este barro aqui perto. Aí, deu certo... este barro é mais forte do que o de lá. Ele é preto e preguento. Tem aquela ligazinha, fica bem lisinho. Agora, o barro sendo muito solto, não dá vasilha que presta, estoura tudo, quando, queima... o barro preto só presta pra oleio, pra esta tinta aí que fica branco. Do mesmo barro, tira aquela goma e faz o oleio e fica branco.

Sobre a venda do produto e a sinceridade da produtora, pode-se constatar, a partir deste outro trecho da entrevista, a mesma conduta observada em Dona Antonia:

Tem o pote pra pôr água, doce; tem os enfeites; tem as panelinhas e o pote pra ir no fogo, pra cozinhar. Agora, pra cozinhar, a gente usa outro barro, mais forte. Porque a gente não pode enganar. Vender uma vasilha que é de pôr água, eles põem no fogo, ela estoura, perde o que tinha comprado. Então, a gente tem que explicar o jeito... pra que serve. Porque, senão eles perdem o trabalho de comprar, né?

A respeito da participação dos homens, ela disse:

Este trabalho não é só de mulher. É dos homens também. Eles ajudam a buscar o barro, a buscar a lenha pra poder queimar, pra socar o barro; a gente soca o barro no coxo.

Estas tarefas não são executadas só por homens. Inclusive as crianças dela participam. A venda dos produtos é feita tanto por mulheres quanto por homens. No entanto, na feira, as mulheres manifestavam autonomia na comercialização, caso elas estivessem sozinhas. Se os maridos estivessem juntos, eram eles que recebiam o dinheiro. Foi possível presenciar uma mulher vendendo um rolo de fio de algodão, fiado por ela. No entanto, foi o marido que recebeu o dinheiro e informou o preço. No caso desta artesã de objetos de barro, era o marido que os levava e os vendia na feira. Ela desconhecia o preço dos mesmos.

Tal como a tecelagem, a produção ceramista, que até os anos 70 atendia ao consumo da população camponesa, passa, a partir desta época, através da política da Codevale, a ser produzida para um mercado regional, nacional e externo.³⁴

Marcia A. Alves revela, em sua pesquisa, que há duas técnicas existentes no artefato cerâmico do Vale: uma indígena (acordelada) e outra, de origem africana, predominante nas comunidades rurais negras e mestiças (bloco). Estas formas manifestam-se na cerâmica utilitária (vasos, potes, moringas, bonecas). Com a comercialização, houve uma evolução para formas ornamentais sofisticadas: peças antropozoormórficas e bifaciais muito valorizadas por galerias de arte popular.

Apesar das semelhanças existentes em relação ao trabalho das fiandeiras, no que tange à desalienação, satisfação, criação, produção simples de mercadorias, a atividade de artesanato em barro possui um processo de trabalho com uma maior divisão do trabalho, o que permite a participação, em determinadas tarefas, de outros membros da família, principalmente das crianças. Completando as reflexões anteriormente feitas, pode-se afirmar que a indústria doméstica, além de ser importante à reprodução material do grupo familiar como um todo, representa um elo importante nas relações entre homem e natureza e nas relações dos homens entre si. Ao lado da produção e reprodução material, há a produção e reprodução de relações de sociabilidade no interior do grupo familiar e fora dele, na medida em que estes produtos são trocados. Além do barro, importante meio de subsistência, muitas mulheres, homens e crianças trabalham no garimpo em alguns rios. Utilizam-se da batéia e, às vezes, trabalham o dia todo nos

34 A respeito, a belíssima pesquisa desenvolvida por Márcia Angelina Alves sobre a tecnotipologia da cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha-MG revela as origens indígena e africana, bem como suas atuais transformações. Trabalho apresentado no GT-6, Organização social e cultura material rural, sob a coordenação de Margarida M. Moura, durante o XIX Congresso da ABA, realizado em Niterói, no período de 27-30 de março de 1994.

rios. Quando há muitas pessoas, há uma divisão do espaço do rio. Cada um(a) tem seu poço. Quando acaba o ouro do poço, saem à procura de outro. Por se tratar de um bem natural, dificilmente encontrado por instrumentos artesanais como a batéia, este trabalho é extremamente penoso, e muitas vezes pouco compensador. Além dos poucos “fiapinhos” de ouro encontrados, os comerciantes dos povoados e das cidades pagam um preço inferior ao valor do produto. Por esta razão, é uma atividade mais desenvolvida por mulheres e crianças.

Concluindo...

Ao longo deste texto, procurou-se resgatar a visibilidade das mulheres das grotas e veredas. O caminho utilizado para este resgate foi o trabalho, atividade humana, que permite a produção e reprodução da vida.

Num primeiro momento, foi mostrado o trabalho na terra. Foi possível perceber que este trabalho é, no tocante às representações, considerado um trabalho acessório ao do homem. Na análise da *troca de dias*, verificou-se que há uma brutal discriminação do trabalho das mulheres, fruto das relações sociais de gênero aí existentes.

Num segundo momento, na análise da indústria doméstica, uma atividade essencialmente feminina, verificou-se a imbricação de vários elementos. Tudo leva a crer que é na indústria doméstica que a mulher cria seu espaço próprio, imprimindo sua marca, já que o trabalho na terra é representado como trabalho masculino. Ao tecer, ao fiar, ao amassar o barro dando-lhe formas de suas “idéias”, a mulher “tece possíveis”, descobre que possui valor e auto-representa-se como dotada de um saber extremamente importante. Ao afirmar que “faz tudo”, ela se reconhece dotada de poder, porque possui o saber. É um momento em que ela fala consigo mesma, em que devaneia, em que redescobre seu valor. O mesmo não ocorre quando o homem assume a tecelagem, tal como foi revelado pela pesquisa de Luciana Bittencourt. A introdução do homem neste ofício contribui para a recriação de novos elementos simbólicos, redefinidores do masculino e feminino.

Contudo, apesar de ser produtora, dotada de saber, o poder que possui existe no contexto das relações com os homens. Se for só, é portadora de autonomia no momento da comercialização. No caso contrário, a troca é controlada pelos homens. A feira é um espaço que reproduz as desigualdades entre os gêneros, apesar da aparente igualdade

entre todos.³⁵ O fato de não “dar o preço” do produto, pois é o homem quem o faz, e o de entregar o produto ao comprador e o homem receber o dinheiro, demonstram que o poder da mulher deixa de existir neste momento. Seu poder, advindo do saber de um trabalho não alienado, reduz-se ao ato deste trabalho. Na verdade, o que existe, nestes casos, é um poder limitado, ocorrendo num certo tempo e espaço. Ao recolher-se para fiar, tecer, fazer as casinhas, a mulher volta-se para si mesma, para seu próprio mundo e, neste sentido, ela fantasia, ela descansa. Não se trata, obviamente, de uma mera ilusão, uma negação, uma abstração da realidade. Ao se recolher, ela produz uma ilusão necessária e afirmadora de sua individuação, e é neste momento que ela redescobre seu valor. Na medida em que acha injusto o sistema da *troca de dias* e o pagamento pela metade nas diárias, ela age no mesmo sentido.

Outrossim, não consegue subverter sua situação, uma vez que ela é produto das relações de gênero aí existentes. Afirma-se através do trabalho, logra a inversão, nos momentos de sua criação, das relações de inferioridade às quais se acha submetida. Inversão, desejo de subversão constituem a dialética contraditória de sua vida.

Estas relações definem a individuação, ou seja, a marca do menos valor delas faz parte. Neste sentido, quando elas migram e se assalariam, carregam consigo estas marcas.

Os menores salários que lhes são destinados pelos donos da terra, tanto no lugar de origem como no de destino, são decorrentes da apropriação destes caracteres de inferioridade imposto a elas. Torna-se evidente concluir que os proveitos desta situação são retirados pela classe expropriadora. Em relação ao conjunto da classe trabalhadora, há a exploração do tempo de trabalho excedente, somada à maior exploração do tempo de trabalho das mulheres. Portanto, os perdedores são o conjunto dos trabalhadores e não somente as mulheres. Por isso, enfatiza-se que, além da luta contra a exploração de uma classe por outra, é necessário lutar contra estas discriminações, simultaneamente. Esta é uma tarefa de todos. É uma tarefa que implica alcançar um projeto de *igualdade social* respeitando-se as diferenças individuais. Esta postura vai no caminho contrário dos guetos feministas e também das ideologias massacradoras dos indivíduos e de suas respectivas individualidades. Face aos desafios enfrentados pela diminuição do emprego dos e das migrantes em São Paulo, pelo acelerado processo de expropriação no Vale, em virtude da tomada das chapadas, da extinção do sistema de agregados e da construção

35 Garcia Jr. A. *Terra de trabalho*, passim.

da Barragem de Santa Rita, a permanência na terra, com condições de torná-la produtiva, pode ser um dos caminhos a ser tomado. Neste sentido, as mulheres das grotas e veredas têm muito que contribuir, através do trabalho e do saber que possuem. Que esta contribuição possa se dar, sob novas bases, nas relações com os homens. Uma nova práxis que visa à igualdade social não restrita às diferenças de classes. É um tecer de possíveis, de uma nova teia e de um novo ninho redesenhado nas grotas e veredas...